

Região Amazônica terá 200 mil queimadas até outubro

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP — Até o fim de outubro as imagens transmitidas pelo satélite americano NOA-9 para o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), de São José dos Campos, registrarão nada menos que 200 mil incêndios e queimadas na Amazônia.

Até lá, o fogo destruirá entre 200 mil e 260 mil quilômetros quadrados de vegetação, das quais cerca de 80 mil a 100 mil de florestas nativas. Além da destruição e de seus impactos ecológicos, os incêndios lançarão na atmosfera dois bilhões de toneladas de dióxido de carbono, 500 milhões de carbono puro, 44 milhões de monóxido de carbono, seis milhões de fuligem e poeira e mais alguns milhões de toneladas de compostos nitrogenados e de enxofre.

As queimadas, durante três meses do ano, provocam mais poluição do que todos os vulcões do Mundo durante um ano, segundo o pesquisador Alberto Setzer, coordenador do programa de acompanhamento das queimadas na Amazônia. Ele disse que, nos últimos cem anos, todas as atividades vulcânicas no Mundo colocaram no espaço seis milhões de toneladas de fuligem, em média, por ano. O "vulcão amazônico" provocado pela ação humana espalha fumaça por mais de dois milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro, um quarto da área do País.

Essa destruição está sendo observada pelo satélite NOA-9, da Administração Nacional de Oceanos e Atmosfera, dos Estados Unidos, numa órbita polar a 930 quilômetros de altitude. Ele passa diariamente sobre o Brasil, às 14h e às 2h, registrando as diferenças de temperatura no solo. As imagens mostram espessas nuvens de fumaça e os pontos de onde

o fogo começa a se espalhar. Gravadas em fitas, essas imagens são tratadas pelo computador Image-100, do Inpe, que realça 16 níveis entre o preto e o branco, define uma cor para cada nível de cinza e produz imagens coloridas, nas quais são nítidos os focos de incêndio.

Uma vez por semana os pesquisadores enviam ao Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) telex com o registro das principais áreas com queimadas, na esperança de que os autores dos incêndios sejam localizados, multados, punidos e, em alguns casos de reincidência, presos, conforme prevê a Legislação.

— Nossa maior preocupação é justamente Rondônia, pois, lá, a devastação já atingiu 11 por cento do Estado e, se continuar nessa velocidade, em dez anos não haverá mais o que queimar — alerta Alberto Setzer.

Setzer, Pereira e um amigo pesquisador americano, o especialista Compton Tucker, do Goddard Space Flight Center (Centro de Vãos Espaciais), de Greenbelt, Maryland, nos Estados Unidos, foram ver de perto as queimadas. Amanhã, eles começam a sobrevoar a região para fotografar as áreas com queimadas e medi-las, com o objetivo de verificar a exatidão das informações obtidas nas imagens do satélite. Tucker é o cientista da Nasa encarregado de acompanhar as queimadas e a devastação da Amazônia nos projetos de pesquisa em conjunto com instituições brasileiras.

No momento, está analisando dados sobre outros países amazônicos, como a Bolívia e o Peru, onde também têm aumentado as queimadas. Tucker acha que o fenômeno tem sido subestimado pelas autoridades do Brasil e até pela comunidade cientí-



fica que, somente a partir de 1987, passou a estudar sistematicamente os problemas das queimadas. Mas os dados de satélite estão gravados: o Sul do Pará, Leste da Amazônia, e grandes extensões do Norte de Mato Grosso e quase todo o Estado de Rondônia estão queimando: o Brasil está se transformando numa imensa fogueira. Em média, no mês de agosto, foram registrados mil incêndios por dia; em alguns dias, há oito mil focos. As queimadas chegam a destruir, inteiramente, a vegetação de até mil hectares em dois dias. Há dias em que são queimados de seis mil a oito mil quilômetros quadrados.

Os cientistas tentam superar todas as dificuldades — desde as técnicas e financeiras até os desconfortáveis vôos a baixa altitude, em meio a intensa turbulência e fumaça, sobre a Amazônia. Afinal, as queimadas da Amazônia podem estar contribuindo seriamente para a precipitação do efeito estufa. As partículas de poeira e carbono, principalmente, sobem, vão se acumulando e formando uma capa em torno da Terra — uma espécie de estufa que não deixa o calor da superfície vazar para o espaço. Com isso, a temperatura média da Terra vai aumentando.

O pesquisador Marcos Pereira chega a acreditar num microefeito estufa, admitindo que a temperatura elevada dos últimos dias possa ser resultado da espessa camada de fumaça que cobre todo o território brasileiro. É certo, também, que a Amazônia tem um papel importante na definição do clima da Terra e, dessa forma, poderão as queimadas contribuir para o efeito estufa em escala global. Na previsão dos cientistas, o efeito estufa levaria à elevação do nível dos oceanos, à inundação de várias cidades ao nível do mar, a mudanças drásticas no clima e no regime de chuvas, à diminuição da produção agrícola, ao aparecimento

de novas doenças e a várias outras conseqüências.

Das queimadas da Amazônia também são liberados elementos químicos que se integram com a atmosfera e com a camada de ozônio que envolve a Terra. É a camada de ozônio que protege a Terra das radiações ultra-violetas, prejudiciais à saúde do homem. Essa camada já tem um grande buraco, identificado pelos cientistas sobre a Antártida e, segundo eles, provocado, em parte, pela destruição do ozônio por substâncias nitrogenadas, entre outras, transportadas para a Região Antártica desde a Amazônia, por ventos.